

# FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Teoria Geral do Estado I (DES 0125)

Ano 2019 - 1º semestre - Turmas 21 e 22

Docente: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eunice Aparecida de Jesus Prudente

## FICHA DE LEITURA

<b>TÍTULO</b>	Marx: política e revolução, in Os Clássicos da Política, 2º vol.
<b>AUTOR</b>	Weffort, Francisco.
<b>LOCAL E DATA DE EDIÇÃO</b>	São Paulo, Ática, 2000.

<b>Nº USP</b>	<b>NOME COMPLETO</b>	<b>E/D*</b>
11263596	Cauê Nakamura Cardoso	E
11265834	Cristian Davalos Tai	E
11288983	Igor Caetano Santos da Silva	D
11265323	Jean de Almeida Bispo dos Santos	D

Em “Marx: política e revolução”, Francisco Weffort nos oferece um breve passeio pelas principais edificações teóricas do pensamento marxista. Na primeira parte, o autor vale-se de uma pletera de referências para elucidar os diversos temas da ciência política desenvolvida pelo pensador alemão. Por fim, Weffort disponibiliza aos leitores um compilado de trechos retirados das obras de Marx que fundamentam as interpretações apresentadas anteriormente. Passemos a um breve resumo comentado desses temas.

### **Marx, contexto e história**

Nesse primeiro capítulo somos apresentados à biografia e ao contexto do ilustre pensador alemão. Diz o autor que Marx viveu em uma época marcada por revoluções. Ele acompanhou a emergência da burguesia e do proletariado, o surgimento do capitalismo industrial e a consolidação dos estados e nações modernas. Sua trajetória de vida no âmbito acadêmico se inicia com seus estudos de direito, filosofia e história. Produz, então, duras críticas a Hegel e ao idealismo alemão. Posteriormente passa a ter atividade jornalística e finalmente inicia seus estudos sobre temas da economia, estudos estes que tem como produto principal a obra “O Capital”.

### **Emancipação política e social**

A universalidade de direitos, como a liberdade e a igualdade, prometida a todos os homens era uma ilusão de uma emancipação política, pois ela apenas se restringiu a burguesia, o que a tornava classe dominante. Pode-se relacionar isso com Tocqueville e sua concepção de igualdade e

liberdade em estado de direito, ou seja, apenas no âmbito político. A verdadeira emancipação política se dava através da revolução social. Para Marx, o proletariado, por ser uma classe historicamente sem propriedade, seria o único capaz de realizar uma revolução que alcançasse a democracia. Para isso seria necessário abolir a alienação.

### **A comunidade e os indivíduos**

Nessa parte, Marx elenca dois elementos que nos permitem diferenciar o comunismo dos outros movimentos: o fato de que ele transforma radicalmente a base de todas as relações de produção que o precedem e o fato de que aborda todos os pressupostos naturais como criações dos homens do passado, despidendo-os, portanto, de seu caráter natural e submetendo-os ao arbítrio dos indivíduos em união. Para o pensador alemão, a realidade que o comunismo busca criar é justamente a base para tornar impossível tudo aquilo que existe independentemente da vontade dos indivíduos, posto que tal realidade é apenas um fruto das relações interpessoais anteriores.

Marx afirma, ainda, que associações conhecidas até então não eram, de forma alguma, o que se pode chamar de união voluntária de indivíduos, tal como a representada no Contrato Social de Rousseau.

Por fim, o filósofo alemão recomenda que, se o proletário deseja afirmar-se como pessoa, deve ele aniquilar sua própria condição de existência anterior, ou seja, abolir o trabalho. Diz também que os membros do operariado encontram-se em oposição direta ao Estado e devem derrubá-lo.

### **Produção de consciência e de Estado**

Aqui Marx argumenta que a produção das ideias e da consciência encontra-se diretamente ligada à atividade material dos homens. Para o pensador “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” e a partir desse ponto de vista, a religião, a moral e a metafísica perdem toda aparência de autonomia.

Em um segundo ponto, Marx defende que a divisão do trabalho gera uma contradição entre o interesse do indivíduo isolado ou da família isolada e o interesse coletivo de todos os indivíduos que estão em relação entre si.

Declara também que todas as lutas no interior do Estado são apenas formas ilusórias sob as quais se travam as lutas reais entre as diferentes classes e toda classe que aspira ao domínio deve primeiro conquistar o poder político para, posteriormente, ser capaz de representar o seu próprio interesse como o interesse coletivo e suas ideias como as únicas razoáveis, as únicas com validade universal.

### **Proletariado como classe universal**

Segundo Marx, para que a alienação seja naturalmente abolida, ou seja, torne-se uma força geradora de uma revolução, é preciso que ela tenha antes feito a da humanidade uma massa plenamente destituída de propriedade que, simultaneamente, contrasta com um mundo existente de cultura e riqueza, para isso, é essencial que se alcance um avanço das forças produtivas, uma vez que, sem esse desenvolvimento, é a miséria que se tornaria generalizada e a velha luta pela subsistência recomeçaria. Esse desenvolvimento é uma condição essencial porque atua em todos os países e coloca, no lugar de indivíduos vivendo no plano local, homens universais que vivem no plano da história mundial. Sem isto o comunismo não poderia existir e não ser como fenômeno local e logo abolido pela extensão das trocas.

O comunismo não é, para Marx, um estado ser criado nem um ideal ao qual deve a realidade se ajustar, mas simplesmente o movimento real que elimina o atual estado de coisas. As condições do movimento resultam, para ele, das bases existentes atualmente.

Finalmente, Marx retoma o pensamento de que as idéias da classe dominante, em todas as épocas, são também as idéias dominantes, ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é também a força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção intelectual, regulando a produção e a distribuição das idéias de seu tempo.

### **A emergência da classe revolucionária**

Marx afirma que o proletariado passa por diversas etapas em seu desenvolvimento enquanto classe, mas sua luta contra a burguesia começa já com seu surgimento. A princípio, ao lutarem contra um burguês isolado que os explora diretamente, os operários estão combatendo não o seu real inimigo, mas os inimigos de seus inimigos: os resquícios da monarquia, os pequenos burgueses, os burgueses não industriais. O poder se concentra, então, nas mãos da burguesia. Cada vitória dos operários, nessas condições, é uma vitória da burguesia. Mas o desenvolvimento da indústria não somente aumenta o número de proletários mas os concentra em massas. Os operários começam então a atuar em conjunto na defesa de seus interesses contra os interesses da burguesia. Em alguns lugares essa luta desencadeia uma rebelião. O verdadeiro resultado dessas lutas não é o triunfo imediato, que é efêmero, mas a união cada vez maior do operariado. Basta o contato entre operários de diferentes localidades para que as numerosas lutas locais se centralizem em uma luta nacional, em uma luta de classes. Nas palavras de Marx “A burguesia produz seu próprio coveiro. Sua ruína e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis”.

Marx concede que, na luta política, a organização do proletariado em um partido é constantemente sabotada pela competição entre os próprios operários. Não importa. Ela surge novamente, sempre mais forte, mais poderosa. E arremata o filósofo radicalmente: “O proletariado nada tem de seu a assegurar, tem de destruir tudo aquilo que até agora vem garantindo e assegurando a propriedade privada.”

Mas a luta de classes não durará para sempre, afirma o pensador, desaparecidas as diferenças de classe e tendo toda a produção sido concentrada nas mãos dos indivíduos, o poder público perderá o seu caráter político. O operariado suprime as condições para a existência de um antagonismo entre as classes e, com isso, acaba com seu próprio domínio como classe.

### **O estado e a transição para o socialismo**

Para o autor, a experiência da Comuna de 1871 tornou claro o fato de que o operariado não pode simplesmente se apropriar da estrutura estatal existente e colocá-la a serviço de seus fins, ele deve destruí-la. Nota o autor, ainda, que Marx e Engels definem a “ditadura do proletariado” como um estado de coisas transitório para uma sociedade sem classes, um instrumento para a abolição das classes.

Na visão de Marx, a revolução francesa nada mais fez do que criar uma ordem política propícia à dominação da burguesia sobre as outras classes, ela somente ampliou o que fora iniciado pela monarquia: “a centralização; o volume, as atribuições e o número de servidores” do poder governamental. E a totalidade de revoltas seguintes apenas aperfeiçoaram o instrumento burguês de dominação.

## **A Comuna Contra o Estado**

Marx inicia esse trecho reconhecendo que não foi o “descobridor” da existência das classes e da luta entre elas. Afirma, no entanto, ser o primeiro a demonstrar a ligação dessas com a produção econômica histórica e com a condução inexorável da sociedade por um *Geist* que levaria a uma sociedade sem classes, depois da ditadura do proletariado.

Em seguida, o autor esquematiza uma previsão do que levaria a uma Comuna, sendo ela: a derrubada da república parlamentar pela vitória de Napoleão Bonaparte, a constituição de leis pela classe dominante e a oposição entre o executivo (dono do monopólio da força e mantenedor da burguesia) e o legislativo. Isso levaria a uma oposição e resultaria numa sociedade comunista.

Marx foca, doravante, na descrição do poder executivo. De início, ele pontua como sua característica principal a heteronomia (imposição de uma norma a força sobre a população, enquanto o legislativo teria como marca principal a autonomia), falando de toda organização “complexa e artificial” do monopólio da força exercido pelo executivo e, em seguida, fala de sua origem na monarquia absoluta. Ao fim desta descrição, o autor conclui que esse poder só servia para manter os mesmos privilégios de antes da Revolução Francesa, mas agora para a burguesia.

Visto esse detalhamento do Estado francês, Karl Marx segue com uma comparação entre a monarquia absolutista e o governo de Bonaparte. Ele diz que aumentou-se a divisão de trabalho, além de uma preponderância do setor público sobre o privado.

Assim, no fim do texto, Marx faz constatações e críticas a principal classe que Bonaparte representava: os camponeses. Segundo o sociólogo, pela simples soma de unidades, chegar-se ia a uma classe tão grande que representaria boa parte da França. No entanto, a falta de um líder convicto dessa massa populacional fez com que não houvesse uma preponderância dela sobre as outras pelo controle do executivo (que possui, como dito anteriormente, o monopólio da força).

## **A Comuna como antítese do império**

Nesta parte, Marx faz uma descrição otimista da Comuna de Paris. Ele pontua, de início, que a Revolução Francesa de 1789 foi importante para tirar todos resquícios feudais no Estado francês, mas, ela não foi suficiente, já que o primeiro império mantinha as lutas e submissões de classes. A Comuna veio para quebrar isso, sendo constituída por operários em sua maior parte e se tratando de uma corporação de trabalho executiva e legislativa que passou por uma série de reformulações institucionais em relação ao que era antes.

Sobre essas mudanças, pode-se dividi-la nas áreas do conhecimento, segurança, direito e religião. Respectivamente, todas instituições de ensino foram abertas gratuitamente ao povo; uma guarda nacional (formada pela população armada) passou a operar e a polícia foi convertida em mero instrumento da Comuna, podendo ser destituída a qualquer hora; os magistrados passaram a ser eleitos, podendo ser destituídos sempre que necessário e a Igreja foi separada do Estado.

O autor também declara que a Comuna serviria de modelo para todos os grandes centros industriais da França. A longo prazo, no entanto, até a menor aldeia francesa deveria se transformar em uma comuna, com o exército nacional substituído por uma milícia popular.

Assim, Marx fala sobre reorganizar o poder da nação, o que seria feito mediante assembleias locais e nacionais, com delegados eleitos (e, como todos outros acima, passíveis de serem destituídos) por um sufrágio universal que servia ao povo organizado nas comunas, não a classes dominantes.

Dessa forma, o sociólogo descreve a Comuna como uma libertadora do trabalhador, uma alavanca para extirpar a existência de classes e as respectivas lutas.

## **Atualidade da Revolução**

A atualidade da revolução é uma doutrina central do marxismo. Entendamos, semanticamente, a atualidade como iminência neste contexto. Sendo isso não apenas uma teoria, mas a chave para a compreensão da história, uma vez que a contradição entre classes antagônicas é o que move a história. Sendo o ápice desses conflitos a revolução. Em seu materialismo histórico dialético, existe a apresentação de mudanças sociais profundas na medida em que uma classe subjuga a outra. No período do autor, tivemos a realeza sendo subjugada pela burguesia. Essa mesma, ao sair vitoriosa nesse embate, “produziu seus próprios coveiros”, em referência a classe trabalhadora. Futuramente, o proletariado faria a revolução, tomando os meios de produção, criando a sociedade sem classes. Dessa forma, para que a mudança ocorra, é necessária uma ruptura completa com a estrutura anterior. Segundo o próprio autor, não o embate interno de uma sociedade, mas o conflito de duas sociedades diferentes em que a vencedora impõe as regras do jogo.

## **Atualidade de Marx**

A influência de Marx é avassaladora. Não só seus seguidores, mas também dissidentes e opositores não foram poupados do poder de suas ideias. Entretanto, existem ainda muitos debates a respeito da adequação de ideias da segunda revolução industrial à modernidade líquida.

Dentre eles, surgem questões sobre a possibilidade de revolução e, em caso positivo, se ocorreria nos moldes propostos originalmente. Sobre isso, podemos citar a violência armada, defendida pelo autor como necessária no Manifesto Comunista, o que é completamente incompatível com os ideais democráticos vigentes.

Outro ponto debatido diz respeito até mesmo sobre conceitos basilares, como a divisão em classes. Por exemplo, Foucault não entendia a sociedade do século XX como em uma divisão social bem delineada, mas em uma microfísica do poder, cujos sujeitos podem trocar da posição de opressor para oprimido em função do contexto imediato. Já Marcuse, enuncia que o proletariado foi de tal forma seduzido pelo capitalismo que todo ímpeto revolucionário foi severamente abafado, em seu conceito do homem unidimensional.

Porém, nos países periféricos, ainda existem elementos que remontam a configuração imaginada por Marx que possibilitaria a revolução, inclusive sendo nesses países que exerceu influência notável, mesmo após o arrefecimento do marxismo na Europa, segundo Weffort.